

VOCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS AGENTES DA CATEQUESE

Luis Oliveira Freitas ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre os agentes da catequese na vida da Igreja. Em primeiro lugar, o artigo trata da pessoa do catequista, principalmente no que se refere à sua vocação e missão. Aqui é possível perceber as várias formas de vocação catequética como também os níveis de atuação do catequista na comunidade. O outro aspecto importante do artigo diz respeito à sua abordagem sobre a formação do catequista, destacando os objetivos dessa formação, a formação iniciática e permanente e as dimensões dessa formação.

Palavras-chave: Evangelização. Catequese. Catequista. Vocação. Missão. Formação.

1 INTRODUÇÃO

A atividade catequética faz parte da missão da Igreja, que existe para anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo a todas as pessoas do mundo inteiro (cf. Mc 16,15). Na Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, o Papa Paulo VI afirma que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa

¹Especialista em Docência e em Ensino Religioso. Professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

Coordenador dos cursos de Pós-Graduação em Catequética e Ensino Religioso.

Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio ou latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18). No entanto, é preciso dizer que em primeiro lugar a Igreja deve anunciar a Boa Nova aos seus próprios membros. Isso significa dizer que as pessoas que formam a Igreja devem estar bem conscientes de sua missão por meio de uma formação adequada. Só dessa forma é possível anunciar a Palavra de Deus às outras pessoas e assim participar da construção do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo.

Hoje, mais do que nunca, a Igreja deve evangelizar, principalmente porque nossa realidade marcada por muitos fatores que nos afastam de Deus, precisa ser transformada. O Diretório Geral para a Catequese afirma que a atividade evangelizadora da Igreja é constituída de três grandes etapas ou momentos essenciais: a ação missionária, a ação catequética e a ação pastoral (DGC 49).

A primeira etapa diz respeito à ação missionária, que é dirigida de modo particular àqueles que ainda não vivem sua fé, seja porque nunca ouviram falar de Jesus Cristo, seja porque se afastaram da fé cristã. Esta etapa termina quando os que por ela passam, descobrem a salvação de Deus por Jesus Cristo e começam a orientar a sua vida e ações por Ele.

O segundo momento consiste na ação catequética e dirige-se especialmente àqueles que descobriram a Boa Nova através da ação missionária e fizeram sua opção por Jesus Cristo. Este é o momento de aprofundamento da fé e integração na vida da comunidade cristã. Podemos afirmar que esta etapa é o período forte de aprendizagem de toda a vida cristã.

A última etapa consiste na ação pastoral, pois integra já a atividade de todo batizado que participa na

vida da comunidade. Esta deve formar cada vez mais o cristão através de serviços concretos, de acordo com a vocação de cada um.

A catequese é uma ação eclesial que está presente desde os primeiros séculos. Ela se constitui num verdadeiro ministério, ou seja, um serviço essencial da ação evangelizadora da Igreja. O Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* nos diz que a catequese tem a:

[...] finalidade de constituir a fase de ensino e de ajudar a maturação, quer dizer, de corresponder ao período em que o cristão, depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como único Senhor e após ter-lhe dado uma adesão global, por uma sincera conversão de coração, se esforça para conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou (CT 20).

Sendo assim, a catequese tem o objetivo de promover o amadurecimento da fé de cada cristão, para que este se torne adulto na fé, engajado na sua comunidade e comprometido com a transformação da realidade. A catequese, mais que uma educação cristã, procura colocar o catequizando não só em contato, mas em comunhão e intimidade com Cristo (CT 5).

Diante de tudo isso, podemos nos perguntar: a quem compete a missão da catequese? É evidente que tal tarefa é de competência de toda a Igreja: papa, bispos, presbíteros, diáconos, religiosos(as), leigos(as), enfim de toda a comunidade cristã, uma vez que todos são responsáveis pela transmissão e vivência da Palavra de Deus. É bom não esquecer que os primeiros responsáveis pela educação da fé de cada fiel batizado são os pais que devem ensinar e dar testemunho dos valores cristãos dentro do próprio lar. No entanto, como a realidade

mostra a existência de muitas famílias que não cumprem bem essa tarefa catequética, logo a missão de catequizar é confiada a pessoas escolhidas na própria comunidade, os catequistas.

Este artigo tem o objetivo de tratar, sobretudo da pessoa do catequista, principalmente no que diz respeito à sua vocação e formação. O artigo está estruturado em duas partes: na primeira parte, far-se-á uma abordagem bem sucinta sobre a vocação do catequista; já a segunda parte tratará especificamente da formação do catequista.

2 VOCAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO NA FÉ

Não podemos pensar em ação catequética sem pensar nos seus agentes. É verdade que toda a comunidade deve ser catequizadora, mas do meio da comunidade devem surgir pessoas que estão ligadas de modo particular ao ministério específico da catequese. Essas pessoas historicamente na Igreja foram denominadas pelo nome de catequistas. O documento Catequese Renovada nos diz que o catequista “Quando catequiza, ele o faz em nome de Deus e da comunidade profética, em comunhão com os pastores da Igreja” (CR 146).

Os catequistas sempre foram necessários na comunidade cristã. Eles já estavam presentes nas comunidades dos primeiros séculos e hoje continuam presentes em nossas comunidades. Esse ministério é exercido por homens e mulheres, jovens e adultos, ministros ordenados, religiosos (as) e leigos (as), enfim por todas as pessoas vocacionadas ao serviço da educação da fé. Cada catequista é membro da comunidade eclesial, visto que está engajado nela recebendo dela as graças de Deus para exercer bem o serviço de agente evangelizador, bem como a sua capacitação para essa missão. Responder ao chamado da Igreja para ser catequista é tornar-se

porta-voz da comunidade cristã e aceitar o desafio de ser colaborador ativo da evangelização, a fim de que toda a comunidade amadureça a sua fé e dê testemunho de Jesus Cristo ao mundo.

Hoje em dia a catequese é entendida como uma dimensão que deve estar presente em todos os campos da ação evangelizadora da Igreja. Além disso, é também um conjunto de atividades específicas de educação sistemática da fé. Nos documentos e orientações da Igreja, muitos aspectos são valorizados na ação catequética: participação na comunidade; ligação com a liturgia; interação fé e vida; diálogo que faz do catequizando um interlocutor e não um ouvinte passivo; alimentação constante na fonte da Palavra de Deus; consciência da responsabilidade na transformação social e nas questões ecológicas; desenvolvimento de espírito missionário; educação para o ecumenismo e diálogo inter-religioso.

O *Diretório Nacional de Catequese* afirma que a “catequese é um ato essencialmente eclesial. Não é uma ação particular. A catequese é um processo formativo, sistemático, progressivo e permanente e educação na fé” (DNC 233). O catequista é quem faz acontecer esse tipo de catequese. Ele age em nome da comunidade cristã e sua missão é basicamente educar a fé de toda a comunidade para que catequizada, seja catequizadora.

2.1 Catequista: vocação missão

A primeira pergunta que nos vem à mente é: “quem é o catequista e em que consiste a sua missão?” Para responder a tal questionamento, é possível afirmar que o catequista, antes de tudo, é uma pessoa que foi chamada a se colocar no caminho de Jesus na condição de discípulo desse grande mestre e Senhor. Segundo o evangelho, não é o discípulo quem escolhe o mestre, mas sim o próprio Jesus quem toma a iniciativa de chamá-lo ao seu convívio

(Cf. Jo 15,16). O discípulo é escolhido para ficar ao lado do mestre e, assim, se vincular intimamente na pessoa de Jesus, aprendendo dele todos os seus ensinamentos de vida.

O *Documento de Aparecida* nos diz que “Jesus faz dos discípulos seus familiares” (DAP 133), de tão íntima que a relação entre eles se torna. O discípulo fica tão unido a Jesus a ponto de ficar parecido com o mestre, uma vez que vive em profunda obediência à sua Palavra e segundo o Mandamento do Amor pregado por Jesus quando ele mesmo disse: “Amai-vos uns aos outros, como eu vou amei” (Jo 15,12).

Vale ressaltar que o catequista é discípulo porque vive constantemente no caminho com o Senhor. Ele revive a experiência de caminheiro como o Povo de Deus no Antigo Testamento, pois o ato de caminhar indica o desenvolvimento de toda história da salvação. É na dinâmica do caminho que Deus se comunica com seu povo e se revela a ele. O Novo Testamento apresenta Jesus como modelo de caminhante, pregador itinerante, que evangelizava pelos caminhos de sua terra. Ele mesmo se definiu como o “caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A Igreja primitiva segue os passos do mestre e os primeiros cristãos se consideravam seguidores “do Caminho” (At 9,2) e mesmo aparecendo dificuldades ao longo da caminhada, estas são enfrentadas com fé e oração.

No entanto, não basta somente aprender do mestre, é preciso colocar-se em missão, ou seja, anunciar essa boa notícia de salvação a todos aqueles que ainda não a conhecem. Este anúncio se faz necessário hoje em nossa realidade, pois há muitas pessoas que precisam ser evangelizadas e necessitam de alguém que caminhe com elas, escutando-as e orientando-as no caminho do Senhor. O anúncio evangélico deve ser feito por meio do discurso explícito, mas, sobretudo, por meio do testemunho de

vida. Para isto, há necessidade de uma vivência profunda da espiritualidade, pois é ela que dá sentido à missão. Tal espiritualidade deve ser alimentada pela leitura orante da Bíblia, pela oração pessoal e comunitária e pela vida sacramental. A espiritualidade permeia toda a vida do discípulo missionário e ajuda a valorizar a dignidade da pessoa humana, a formar a comunidade e a construir uma sociedade justa e fraterna.

Dessa forma, é possível afirmar que o catequista é discípulo missionário, pois ao mesmo tempo em que está na escola do discipulado de Jesus, aprendendo com ele, também anuncia as maravilhas de Deus aos seus catequizandos, à comunidade eclesial e a toda a sociedade em geral.

Ser catequista é dar sim a uma vocação. Devemos entender aqui vocação como um chamado de Deus que espera da pessoa uma resposta. O chamado de Deus acontece sempre numa situação concreta da vida humana. São muitas as formas utilizadas por Deus para realizar o chamado, como por exemplo, por um convite do pároco e/ou da coordenação de catequese, outras vezes quando sentiu que havia necessidade de catequistas na comunidade e em outras situações. O importante é ter consciência de que o catequista é alguém que respondeu a esse chamado amoroso de Deus e se colocou a serviço da evangelização.

E aqui podemos nos perguntar: para que Deus chama o catequista? Ele chama-o para anunciar a sua Palavra, ser testemunha dos valores do seu Reino e para que este seja porta-voz de sua mensagem. A vocação do catequista se insere e tem sua raiz na vocação cristã. No Batismo e na Crisma, cada cristão recebe o compromisso de colaborar no anúncio da Palavra de Deus, segundo as suas próprias condições.

É importante também não esquecer que catequista ao mesmo tempo em que é chamado é também enviado para uma missão. O documento *Formação de Catequistas*, da coleção estudos da CNBB, n° 59, afirma o seguinte:

O catequista é enviado. Sua missão possui duplo sentido: é enviado por Deus, constituído ministro da Palavra pelo poder do Espírito Santo, e é enviado pela comunidade, pois é em seu nome que ele fala. Integrado na comunidade, conhece bem sua história e suas aspirações, sabe animar e coordenar a participação de todos (CNBB, 1990, p. 22).

O ser catequista se renova cada dia. Os catequistas, através de sua missão, experimentam momentos de alegria, de paz, de entusiasmo, apesar do cansaço, das renúncias e dos sacrifícios. A lembrança, renovada cada dia, do primeiro chamado de Deus, ajuda-os a serem perseverantes na fé.

Não devemos esquecer que a vocação do catequista é comunitária, porque ela abrange toda a ação da comunidade. Quando o catequista tem consciência de que o seu chamado foi feito por Deus e que foi enviado pela comunidade, desempenha nela um serviço eficaz e efetivo. Colabora também na transformação da sociedade, pelo testemunho comunitário e pelo anúncio da Palavra.

2.2 Várias formas da vocação catequética

Já vimos que toda a comunidade cristã é responsável pela catequese. Os catequistas são agentes que em nome da comunidade fazem acontecer de fato a ação catequética. Essa ação desenvolvida pelos catequistas é fruto de um chamado de Deus a cada um.

São várias as formas da vocação catequética na comunidade cristã. Vamos agora observar como essa vocação acontece na prática cotidiana de nossas comunidades.

2.2.1 Níveis da vocação catequética

Segundo Alberich (2004, p. 345), há três níveis bastante conhecidos de ação catequética. De acordo com essa ação, podemos dizer que existem três tipos de catequistas: o de base, o nível dos agentes intermediários e o nível dos especialistas.

Os catequistas de base são aqueles que tradicionalmente são chamados de catequistas. A atuação deles acontece nas paróquias, comunidades e outros grupos. Estão em contato direto com o povo e são responsáveis por setores bem concretos da prática catequética da comunidade como: iniciação sacramental, preparação para o Batismo ou para o Matrimônio, animadores de grupos de reflexão, de círculos bíblicos e outros. Na nossa realidade, a maioria desses catequistas é constituída por cristãos leigos que muitas vezes não recebem a valorização devida, mas merecem uma grande admiração pela missão que realizam.

Os agentes intermediários são aqueles que assumem a responsabilidade de coordenar a catequese nas paróquias, nas dioceses e regionais. São responsáveis pela formação dos catequistas em nível local, por isso necessitam de uma formação mais aprofundada, maior conhecimento da realidade, capacidade de liderança, criatividade e, sobretudo, muito amor pela catequese.

Os especialistas são aqueles que se dedicam ao estudo, também chamados de catequetas. A missão deles consiste em aprofundar a reflexão sobre a catequese e

assim fazer progredir essa ação evangelizadora. Esses estudiosos necessitam de uma formação especializada, mas devem ter o cuidado de não perder o contato com os catequistas de base.

2.2.2 As diferentes situações de atuação catequética

Como as necessidades da catequese são várias, também o tipo de atuação dos catequistas apresenta várias modalidades (DGC 232). Essas modalidades são as seguintes:

a) Catequistas de adultos: estão presentes nas comunidades, nos círculos bíblicos, nos movimentos e nas associações. Sua missão é animar principalmente a iniciação à vida cristã dos adultos, preparando-os para os sacramentos do Batismo, Crisma, Eucaristia e também do Matrimônio. Esses catequistas devem ajudar os adultos a fazerem uma opção mais consciente por Jesus Cristo, a fim de que este atue como verdadeiro cristão, dentro da sociedade em que vive;

b) Catequistas de jovens: sua missão consiste em ajudar os jovens a crescer como pessoas, em todas as dimensões: afetiva, sexual, familiar, vocacional. Esses catequistas devem motivar os jovens para que eles possam assumir a sua fé no cotidiano de sua vida, no campo social, político, cultural e religioso;

c) Catequistas de adolescentes: atuam junto aos adolescentes e têm a missão de ajudá-los a superar os conflitos da idade, além de desenvolver a sua capacidade crítica, tendo como inspiração o Evangelho de Jesus Cristo. Geralmente, na fase da adolescência, o processo

de educação da fé se conclui com a recepção do sacramento da Crisma;

d) Catequistas de crianças: têm a responsabilidade de iniciar as crianças na fé cristã pela descoberta de Deus, da vida e dos seus valores. Tais catequistas devem transmitir às crianças as noções da mensagem de Jesus, dos sacramentos e o primeiro contato com a Bíblia.

Além dessas modalidades de catequistas, o Diretório Geral para a Catequese também cita outros tipos de catequistas como: catequistas para os encontros pré-sacramentais (preparação dos adultos para o Batismo ou Crisma dos filhos); catequistas para as pessoas da terceira idade (que necessitam de uma apresentação do Evangelho adaptada às suas condições); catequistas para as pessoas desadaptadas e excepcionais (para integrá-los na comunidade) e catequistas para os migrantes e pessoas marginalizadas. Outros catequistas poderão surgir de acordo com as exigências de cada Igreja particular.

3 FORMAÇÃO DOS CATEQUISTAS

Não podemos pensar numa boa atuação catequética sem pensar na formação dos agentes da catequese. O Diretório Catequético Geral nos diz que “toda atividade pastoral que para a sua realização não contar com pessoas realmente bem formadas e preparadas, está necessariamente condenada ao fracasso” (DCG 108).

Convém ressaltar que antes do Concílio Vaticano II, a formação teológica estava quase que reservada ao clero e aos religiosos. A partir do Concílio, a Igreja redescobriu a necessidade de formação de todo o povo de Deus.

O termo formação, na ação evangelizadora da Igreja, deve ser entendido como educação, que em sua origem, ex-ducere, significa um processo pelo qual a pessoa, como sujeito, faz desabrochar as riquezas de sua potencialidade humana que, em semente, já traz dentro de si. Nesse caso, o educador exerce a função de provocador do exercício de nascimento, crescimento e desabrochamento, isto é, como um catalisador que ajuda o educando a operar sua auto-educação e a caminhar com segurança rumo à maturidade humana.

3.1 Objetivo da formação

Cada vez mais cresce a consciência de que a catequese é tarefa primordial na ação evangelizadora da Igreja (Cf. CT 1). Por isso, ter catequistas bem preparados é fundamental para a garantia de uma autêntica evangelização. Isso se faz necessário principalmente nesse momento histórico em que vivemos, nesse contexto plural, de mudanças, ofertas, misturas, com seus valores e contra-valores, desafios e oportunidades, que exige mais preparo, qualificação e atualização dos evangelizadores. Dessa forma, a formação dos catequistas, principalmente os leigos torna-se uma prioridade (Cf. DNC 252).

Vivemos atualmente numa mudança de época. O mundo mudou, assim como as famílias, a sociedade e a própria Igreja. As exigências do atual contexto social e eclesial são muito grandes para o catequista. Temos, por exemplo, a ambiguidade da sociedade secularizada, na qual ao mesmo tempo em que a vida e a cultura são pautadas sem a fé, aparece uma enorme busca religiosa, gerando um imenso pluralismo religioso. Além disso, temos também uma ideologia neoliberal, as potencialidades dos Meios de Comunicação Social, a sociedade consumista, a perda do sentido ético, o crescimento da violência, da

corrupção e da droga. Tudo isto traz novos desafios para a educação de modo geral e, sobretudo, para a educação da fé.

Diante de tudo isso, é possível afirmar que o catequista precisa de uma formação capaz de dar respostas a todos esses desafios, porquanto o contexto em que o catequista vive e atua exige uma revisão profunda da maneira de educar na fé e, por isso mesmo, da sua formação. É necessário elaborar uma educação da fé que forje uma identidade cristã sólida, com uma consciência lúcida de ser discípulo missionário de Cristo.

Nesse sentido é possível afirmar que o principal objetivo da formação do catequista é torná-lo apto para bem comunicar a mensagem cristã (Cf. DGC 235). “É promover o aprofundamento do catequista na fé e capacitá-lo a fim de ajudar os cristãos no crescimento da maturidade da fé” (CNBB, 1990, p. 28). No entanto, isso não irá acontecer se o processo formativo não trabalhar no catequista a dinâmica da conversão e do apaixonamento por Cristo, pela Igreja e pelo Reino de Deus.

É por meio de uma formação integral que o catequista se torna apto a transmitir o Evangelho em nome da Igreja. A formação insere o catequista na consciência viva e atual que a Igreja tem do Evangelho (Cf. DGC 236).

3.2 Formação iniciática e permanente do catequista

Diante dos desafios supracitados, pelos quais a Igreja passa no momento presente, surge a necessidade de se fazer uma catequese de iniciação à vida cristã. Não devemos mais nos contentar com uma mera preparação para receber os sacramentos, como se isso marcasse o fim do processo; mas devemos ir além, ou seja, a catequese deve introduzir de fato o catequizando ou catecúmeno no mistério de Cristo e da Igreja.

Para que esse tipo de catequese aconteça, é necessário investir na formação de um novo tipo de catequista. Isso significa que temos que formar um “catequista que seja pedagogo e mistagogo, isto é, tem uma dupla missão: transmitir o ensinamento e conduzir o catequizando ao mistério da fé” (SANTOS, 2010, p. 199). O catequista mistagogo é aquele que tem a tarefa de conduzir a pessoa que está sendo iniciada na fé ao mistério de Cristo Jesus. Esse catequista é imprescindível na catequese de iniciação à vida cristã. Ele deve se espelhar na pessoa e ação de Jesus Cristo, mistagogo por excelência. É possível encontrar três características fundamentais que marcam a vida do catequista mistagogo: “[...] a presença do Deus revelado entre nós, em Jesus Cristo; a pedagogia com a qual conduz e acompanha o iniciante; e a experiência mística” (SANTOS, 2010, p. 207).

Na pessoa de Jesus Cristo, a experiência mistagógica pode ser percebida em todas as suas dimensões. Em Cristo se realiza o projeto de Deus, o querigma. Ele é o anúncio querigmático de todo o processo de iniciação à fé cristã. Pelas suas atitudes e ensinamentos, Ele tornou-se o mestre e educador por excelência. “A mistagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal, pela escuta atenta da realidade pessoal e conhecimento profundo do contexto em que a pessoa está inserida”. (SANTOS, 2010, p. 208).

Para que o catequista se torne um pedagogo e mistagogo, como Jesus, é preciso que ele passe por um processo formativo que se dá, sobretudo em dois níveis: iniciático e permanente. Veremos a seguir como esses dois momentos acontecem e se integram ao longo da formação do catequista.

3.2.1 Formação iniciática

A VI Assembleia da Sociedade de Catequetas Latino Americanos (SCALA) propõe uma formação iniciática do catequista no estilo catecumenal, para que uma vez convertidos e evangelizados convertam-se eles mesmos em discípulos missionários. Não podemos esquecer que o modelo catecumenal possui a estrutura apresentada no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA). “Este processo tem seu início do anúncio querigmático e da conversão e conduz à vida comunitária, à Eucaristia na comunidade adulta e à ação de presença e transformação no mundo” (CELAM, 2008, p. 40).

Para acontecer a formação de inspiração catecumenal, é preciso que haja uma apresentação adequada do querigma, ou primeiro anúncio e a partir daí proporcionar um verdadeiro encontro do catequista com a pessoa de Jesus Cristo. Não devemos esquecer que isto deve acontecer a partir da realidade de cada catequista.

A perícope dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) é um texto bastante inspirador que pode iluminar a formação iniciática do catequista. No texto é possível observar em primeiro lugar que Jesus se aproxima dos dois discípulos que iam para Emaús com rosto triste. Jesus começa a conversar com eles para se inteirar do que eles estavam conversando. A partir do conhecimento da realidade, Jesus questiona-os e começa a explicar-lhes as passagens da Escritura que se referem ao Cristo. No partir do pão, gesto sacramental, os discípulos reconhecem Jesus. Este desaparece da vista deles e eles voltam para a comunidade de onde haviam saído, numa atitude de integração na comunidade e ao mesmo tempo de missão.

A formação iniciática deve ser um período que proporcione uma verdadeira conversão do catequista. O catequista, assim como os discípulos de Emaús, deve reconhecer Jesus na Palavra e na Eucaristia. Dessa forma, ele vai dar um novo sentido a sua vida e ser de fato um agente que colabora na construção de uma comunidade verdadeiramente cristã que esteja a serviço do Reino de Deus.

É necessário que o processo de formação iniciática seja como uma espécie de noviciado, em que o catequista possa mesmo vivenciar aquilo que está sendo aprendido teoricamente. Deve também permitir um acompanhamento personalizado e que ao final desse processo haja o reconhecimento oficial do ministério do catequista.

Durante todo o processo formativo, a comunidade exerce um papel importante, pois é ela quem propõe ritmos e itinerários adequados para a iniciação; estabelece critérios para verificar o processo de crescimento do catequista e, por fim, configura o catequista no papel de iniciador, ou seja, passa agora à função de iniciação de seus irmãos.

3.2.2 Formação permanente

Nossa realidade social e religiosa não está estagnada no tempo, mas é dinâmica. Isso quer dizer que as coisas mudam assim como os valores e a maneira de pensar. O catequista é uma pessoa que deve estar atualizada das mudanças para melhor anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo.

Por isso, a formação do catequista não pode parar, pois este deve estar em estado permanente de formação. Tal formação irá ajudar no aperfeiçoamento contínuo

da ação catequética. Através da formação permanente, o catequista pode aprofundar os conhecimentos que recebeu no período iniciático, além de confrontar esses conhecimentos com a prática catequética que já desenvolve na comunidade.

O *Diretório Catequético Geral* nos diz que: “A formação permanente compreende diferentes modalidades e níveis. Deve estender-se por todo o tempo em que os catequistas permanecerem no desempenho de suas funções, incluindo tanto os dirigentes da catequese quanto os simples catequistas” (DCG 110). É importante que os catequistas não fiquem esperando essa formação permanente somente dos órgãos competentes. As próprias comunidades, por menores que sejam, poderão também ocupar-se dessa formação que deve acontecer sempre que surgir a necessidade de atualização catequética. Todos os que têm a responsabilidade na direção da catequese, seja o clero, seja os coordenadores, devem cuidar da formação permanente de seus colaboradores.

São várias as formas de fazer acontecer a formação permanente dos catequistas. Entre elas podemos citar as seguintes: acompanhamento do pároco e dos coordenadores de catequese; participação nas reuniões, assembleias e outras atividades na paróquia, diocese e regional; avaliações frequentes do trabalho que está sendo realizado; leitura constantes de livros, revistas, jornais e boletins; leitura bíblica para aprofundar a Palavra de Deus; cursos de atualização, treinamentos, encontros e seminários de estudo (Cf. CNBB, 1990, p. 34).

3.3 Dimensões da formação

De acordo com o *Diretório Geral para a Catequese*, número 238, a formação dos catequistas deve se dar em três grandes dimensões: o ser, o saber e o saber fazer.

Essas dimensões garantem o processo formativo e por meio deles o catequista fica mais fiel a Deus e ao ser humano.

3.3.1 O “ser” do catequista

Devido às exigências da catequese hoje, há a necessidade de formar personalidades convincentes e significativas tanto no nível humano quanto no nível da fé cristã. É importante que o catequista hoje se defina, antes de tudo, pelo seu “ser”, para assim dar testemunho das verdades de fé proclamadas por ele.

O *Diretório Nacional de Catequese* nos diz que nesta dimensão o catequista deve ser “uma pessoa que ama viver e se sente realizado” (DNC 262), assume o seu chamado com muito entusiasmo e tem consciência da missão que recebeu no Batismo e na Crisma. O catequista também deve ser uma “pessoa de maturidade humana e de equilíbrio psicológico” (DNC 263).

É importante também que o catequista seja uma pessoa que cultive sua espiritualidade. Isso pode ser feito através da oração pessoal, da meditação da Palavra de Deus, da participação na liturgia da comunidade, de uma intensa vida sacramental e da prática da caridade.

Sua espiritualidade deve possuir, em forma adulta, o *sensus ecclesiae*, o sentido e a experiência de Igreja, uma atitude interiorizada de pertença, sensibilidade comunitária e consciência apostólica. (ALBERICH, 2004, p. 349).

Além disso, o verdadeiro catequista é uma pessoa que sabe fazer a leitura da presença de Deus nas atividades humanas. Isso acontece quando ele descobre o rosto de Deus presente nas pessoas, nos pobres, na comunidade,

nos gestos de partilha e de justiça e nas realidades do mundo. (Cf. DNC 265).

3.3.2 O “saber” do catequista

Embora seja uma pessoa de fé que vive as exigências do discipulado, o catequista também deve saber bem a mensagem que transmite, os seus destinatários e o contexto em que vive e atua. “Além de ser testemunha, o catequista deve ser mestre que ensina a fé” (DGC 240). Vale ressaltar a importância de sempre conjugar a teoria com a prática.

O *Diretório Nacional de Catequese* aponta alguns conhecimentos que o catequista deve ter. São eles:

- a) Conhecimento da Palavra de Deus, pois a Bíblia é o principal texto de catequese, além de ser a fonte primeira da catequese. Portanto, o catequista precisa conhecer algumas chaves de leitura para melhor interpretar a Palavra de Deus aos seus catequizandos;
- b) Conhecimento teológico e doutrinal, como o catecismo da Igreja Católica, a explicitação do creio, documentos eclesiais e catequéticos, os manuais e outros. Isso ajudará o catequista a amadurecer sua fé para melhor transmitir a doutrina aos catequizandos;
- c) Conhecimento da pluralidade cultural e religiosa, para identificar as “Sementes do Verbo” nelas lançadas para um diálogo com o Evangelho: enculturação;
- d) Conhecimento básico e essencial das ciências humanas, de modo particular, da antropologia cultural, da sociologia, da psicologia, da pedagogia e das novas linguagens da comunicação;

- e) Conhecimento da problemática atual, seja no nível sócio-econômico-político, seja no nível eclesial. É preciso que o catequista conheça o projeto pastoral da Igreja à qual pertence, a natureza e dimensões do ato catequético, as pessoas ou sujeitos com os quais irá trabalhar.
- f) Conhecimento das exigências éticas e das dimensões sociais do Evangelho. Deve vivenciar os grandes valores do Evangelho como: amor, respeito mútuo, misericórdia, fraternidade, partilha e justiça;
- g) Conhecimento e vivência da liturgia comunitária, pois a celebração litúrgica é o ponto alto da presença de Deus no meio de seu povo. É o momento principal para a catequese, pois favorece o crescimento da fé.

É preciso que a formação dos catequistas, na dimensão do saber, não seja um simples acúmulo de conhecimentos, mas deve ser constantemente confrontado com sua prática para ser de fato eficaz na evangelização.

3.3.3 O “saber fazer” do catequista

No contexto social em que vivemos hoje, não dá mais para ficar improvisando a ação catequética. Isso significa que os agentes da catequese devem também demonstrar um “saber fazer”, isto é, ter atitudes de “profissionais” nas tarefas catequéticas. O Diretório Nacional de Catequese afirma que atualmente há a exigência do catequista ter uma preparação adequada nos âmbitos da: educação, pedagogia, metodologia e comunicação (Cf. DNC 270).

No âmbito da educação, não podemos esquecer que o catequista é um educador da fé, assim como o Mestre Jesus Cristo. Ele tem a “possibilidade de desenvolver

potencialidades, qualidades e capacidades para maior maturidade humana e cristã” (DNC 272). Sobre isso o Diretório Geral para a Catequese nos diz que:

A formação procurará fazer amadurecer no catequista a capacidade educativa, que implica: a faculdade de ter atenção para com as pessoas, a habilidade para interpretar e responder à pergunta educativa, a iniciativa para ativar processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano para a maturidade. Como acontece em toda arte, o mais importante é que o catequista adquira o seu próprio estilo de ministrar a catequese, adaptando à sua personalidade os princípios gerais da pedagogia catequética. (DGC 244)

Como o catequista é um educador na fé, ele precisa antes de mais nada ter bons conhecimentos acerca dos elementos da pedagogia da fé para facilitar a maturação da fé de seus catequizandos. O documento Catequese na América Latina afirma que:

A catequese sabe que somente nutrindo-se dessa pedagogia de Deus será capaz de traçar os autênticos roteiros que eduquem na fé. Por isso se dedica à meditação da tradição e da Escritura, para aprender com ela a pedagogia que conjuga em um só ato a fidelidade ao homem com a fidelidade a Deus (CAL 131).

Quanto à metodologia, o documento Catequese Renovada diz que ela deve estar inspirada no princípio da interação fé e vida (Cf. CR 113-117). É preciso.

levar em conta as ações concretas na comunidade, a memorização, sobretudo das formulações de fé expressas na Bíblia, a criatividade dos catequizandos, a importância do grupo e a comunidade como lugar visível da fé e da vida. (DNC 275).

Vale também lembrar que o catequista precisa ser alguém que promova a comunicação da vida e da fé. Por isso, ele deve cultivar boas relações de amizade no seu grupo e comunidade, além de também saber utilizar os meios de comunicação tecnológicos para melhor transmitir a mensagem evangélica.

4 CONCLUSÃO

No decorrer desse artigo foi possível perceber que a catequese é uma dimensão importante que está presente em toda ação evangelizadora da Igreja. Ela é um verdadeiro ministério, ou seja, um serviço reconhecido e autorizado pela Igreja. E para que este ministério tão importante aconteça de fato é necessário que haja agentes comprometidos, os catequistas.

Vimos que o catequista é uma pessoa chamada por Deus e pela Igreja para exercer a missão de “fazer ecoar” a Palavra de Deus, sendo uma espécie de amplificador, comunicador da voz do Evangelho e da Igreja. A vocação do catequista se dá em diferentes níveis e modos de atuação na comunidade. Por isso, o catequista precisa de uma boa formação iniciática e permanente a fim de que possa exercer bem o ministério da catequese na comunidade cristã.

VOCATION AND FORMATION OF THE AGENTS OF CATECHESIS

ABSTRACT

This article has as main objective to make a reflection on the agents of catechesis in life of church. Firstly, the article is about the person of the catechist, mainly regarding

his/her vocation and mission. The various forms of catechetical vocation as well as the levels of acting of the catechist in the community can be perceived here. Other important aspect of the article concerns its approach on the formation of the catechist, highlighting the objectives of this training, initiatory and permanent training and the dimensions of this training.

Keywords: Evangelization. Catechesis. Catechist. Vocation. Mission. Training.

REFERÊNCIAS

ALBERICH, Emílio. **Catequese evangelizadora**. Manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 7. ed. Brasília, DF: CNBB, 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Catequese na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **Documento de Aparecida**. 3. ed. Brasília, DF: CNBB, 2007.

_____. **Manual de catequética**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Um caminho de um novo paradigma para a catequese**: III semana latino-americana de catequese. Brasília, DF: CNBB, 2008.

ECOS DO IESMA - São Luís, v. 10, n. 1, p. 35-59, jan./jun. 2014

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese renovada:** orientações e conteúdo. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 1987. (Documentos, 26).

_____. **Diretório nacional de catequese.** Brasília, DF: CNBB, 2006. (Documentos, 84).

_____. **Formação dos catequistas.** Estudos da CNBB, 59. São Paulo: Paulinas, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese.** 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

DIOCESE DE OSASCO. **Formação contínua dos catequistas.** Importância, prioridade, compromisso., 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Cadernos Catequéticos, n. 4).

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica 'Catechesi Tradendae'.** A catequese hoje. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

PAULO VI. **Exortação Apostólica 'Evangelii Nuntiandi'.** A evangelização no mundo contemporâneo. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório catequético geral.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

SANTOS, Jânison de Sá. Formação de catequistas para a iniciação à vida cristã. In: SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE, 3., 2010. Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: CNBB, 2010.

SOCIEDADE DE CATEQUETAS LATINO AMERICANOS (SCALA). A formação iniciática de catequistas. **Revista de Catequese**, v. 31, n. 123, jul./set. 2008.

TARDIN, José Flávio Monnerat. **Catequese na comunidade**. São Paulo: Loyola, 1996.

TOTH, Veremundo. **Curso para formação de catequistas**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1997.